

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ-CEST**

SÍDNA GEANE LOBATO BARCELAR

**MANUEL QUERINO E O PROTAGONISMO DO NEGRO NA FORMAÇÃO DA
SOCIEDADE BRASILEIRA NO ALVORECER DO SÉCULO XX**

Tefé-AM
2022

SÍDNA GEANE LOBATO BARCELAR

**MANUEL QUERINO E O PROTAGONISMO DO NEGRO NA FORMAÇÃO
DA SOCIEDADE BRASILEIRA NO ALVORECER DO SÉCULO XX**

Monografia apresentada ao Curso de História do Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas - CEST/UEA, para obtenção de Título de Graduação.

Orientador: Profa. Dra. Cristiane da Silveira

Tefé - AM
2022

FICHA CATALOGRÁFICA

BARCELAR, Sídna Geane Lobato;

Manuel Querino e o Protagonismo do Negro na formação da sociedade brasileira no alvorecer do século XX/ Sídna Geane Lobato Barcelar- 2022.51 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História).
Universidade do Estado do Amazonas – UEA,2022.

SÍDNA GEANE LOBATO BACERLAR

**MANUEL QUERINO O E PROTAGONISMO DO NEGRO NA FORMAÇÃO DA
SOCIEDADE BRASILEIRA NO ALVORECER DO SECULO XX**

Monografia ao curso de História do Centro de Estudo Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas – CESTE/UEA, para obtenção do Título de graduação.

Monografia aprovada em, ____ de _____, de 2022.

Banca Examinadora

Professora Dr. Cristiane da Silveira – Orientadora
(CEST/UEA)

Professor Me. Macário Lopes Junior – Membro
(CEST/UEA)

Professor Dr. Yomarley Lopes Holanda – Membro
(CEST/UEA)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, pilares na minha formação como ser humano, a meu esposo e aos meus filhos, irmãos e amigos que sempre apoiaram a concretização da minha trajetória acadêmica. A minha orientadora, sem o qual não teria conseguido concluir essa difícil tarefa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sem ele eu não teria capacidade para desenvolver esse trabalho. À universidade do estado do Amazonas, pela oportunidade de fazer o curso, agradeço também a todos os professores do curso por me proporcionar o conhecimento e por toda dedicação e comprometimento com a minha formação profissional, à minha orientadora professora Dr. Cristiane da Silveira pela oportunidade, parceria e apoio na elaboração deste trabalho. Obrigada aos meus pais (Sinilson José Ferreira Bacelar e Ildogete Cardenis Lobato) por todo incentivo e apoio incondicional. Aos meus irmãos que sempre estiveram presentes me incentivando para conclusão do curso. A meu esposo Genival Matos da Costa por seu apoio e paciência ao longo dessa trajetória. Por fim, agradeço aos meus filhos (Filipi, Matheus e Gustavo matos) por toda paciência e cooperação que tiveram para a concretização da minha formação acadêmica.

EPÍGRAFE

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.”

(NELSON MANDELA)

RESUMO

Essa pesquisa buscou investigar a vida e a produção de Manuel Querino e seu olhar sobre os africanos e seus descendentes na formação da identidade do Brasil. Querino problematizou o imaginário racial daquele momento e diferenciou-se por apresentar o negro como fonte de trabalho, e desenvolvimento do Brasil. Nosso pensador viveu na virada do século XIX para o XX e buscou desconstruir a imagem de inferioridade do negro naquele momento a partir da valorização e do seu protagonismo na construção da sociedade brasileira. O objetivo geral foi reconhecer o negro como agente principal na construção do país através da análise da “O colono preto como fator da civilização brasileira” (1918) de Manuel Querino. E os objetivos específicos foram: investigar visões sobre a questão racial presente no Brasil; buscar interpretações que rompam com o pré-conceito presente no Brasil no final do século XIX e início do século XX; compreender a dinâmica da construção da identidade do “ser negro” reconhecendo-o como principal fonte de trabalho para desenvolvimento do Brasil. Assim, este trabalho se justifica por reconhecer o negro como sujeito principal na colonização do Brasil, também foi uma realização continua de um trabalho de iniciação científica que tive durante a docência especificamente no ano 2016. O método adotado para a construção do trabalho refere-se a forma qualitativa e bibliográfica. Como base teórica e instrumento de coleta de dados utilizamos a análise de textos, artigos publicados e livros de autores como: Munanga (2004), Luca (2001), Leal (2016), Glendhill (2008), entre outros.

Palavras-chave: Manuel Querino. Negro. Colono preto

ABSTRACT

This research sought to investigate the life and production of Manuel Querino and his look at Africans and their descendants in the formation of Brazil's identity. Querino problematized the racial imaginary of that moment and differentiated himself by presenting the black as a source of work, and development of Brazil. Our thinker lived at the turn of the 19th to the 20th century and sought to deconstruct the image of inferiority of the black at that moment from the valorization and its protagonist in the construction of Brazilian society. The general objective was to recognize the negro as the main agent in the construction of the country through the analysis of Manuel Querino's "The Black Colonist as a Factor of Brazilian Civilization" (1918). And the specific objectives were: to investigate views on the racial issue present in Brazil; seek interpretations that break with the pre-concept present in Brazil at the end of the 19th and early 20th centuries; to understand the dynamics of the construction of the identity of the "black being" recognizing it as the main source of work for the development of Brazil. Thus, this work is justified by recognizing the black as the main subject in the colonization of Brazil, it was also a continuous realization of a work of scientific initiation that I had during teaching specifically in the year 2016. The method adopted for the construction of the work refers to the qualitative and bibliographic form. As a theoretical basis and data collection instrument we used the analysis of texts, published articles and books by authors such as: Munanga (2004), Luca (2001), Leal (2016), Glendhill (2008), among others.

Keywords: racism. 20th century. Manuel Querino. Black. Black colonist

LISTAS DE FIGURAS

- Figura 01:** Imagem de Manuel Querino, 1911 In. Artistas Bahianos.Indicações Biográficas. Bahia, Oficinas da Empresa “A Bahia”, 2ª edição, 1911.....19
- Figura 02:** Imagem de August Stahl. Negra de costa, perfil e frente. Rio de Janeiro,1865. Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, Harvard University.....22
- Figura 03:** Representantes das tribos igê-chá e ioruba.....23
- Figura 04:** Imagem de Mulheres da tribo destacadas em suas tribos.....23
- Figura 05:** Os orixás.....38
- Figura 06:** Mãe de terreiro do Gantois..... 40
- Figura 07:** Imagem da cascata da sereia.2º Parte—Pegi, santuário, Candomblé do Gantoi..... 40
- Figura 08:** Imagem de Notas musicais de cânticos entoado nos festejos.....46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO 1: MANUEL RAIMUNDO QUERINO E SEU CONTEXTO HITÓRICO	14
1.1 Brasil no alvorecer da republica	14
1.2 Manuel Raimundo Querino: uma voz dissonante em seu tempo	18
1.3 Manuel Querino: um olhar sobre a historiografia brasileira	24
CAPITULO 2: A FORMAÇÃO DO BRASIL A PARTIR DO OLHAR DE QUERINO	26
2.1 O Colono preto	26
2.2 O Negro como Fator da civilização: seus processos de lutas e resistências	29
CAPITULO 3: DESSAFRICANIZAÇÃO	34
3.1 Produção Cultural Afro-brasileira	35
3.2 A Língua	35
3.3 A religião	36
3.4 Culinária.....	41
3.5 A música e dança.....	44
CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa buscou investigar a vida e a produção de Manuel Querino e seu olhar sobre os africanos e seus descendentes na formação da identidade do Brasil. Querino problematizou o imaginário racial daquele momento e diferenciou-se por apresentar o negro como fonte de trabalho, e desenvolvimento do Brasil. Nosso pensador viveu na virada do século XIX para o XX e buscou desconstruir a imagem de inferioridade do negro naquele momento a partir da valorização e do seu protagonismo na construção da sociedade brasileira.

Para tanto, o objetivo geral desse trabalho foi reconhecer o negro como o agente principal na construção do país através das análises da obra “O colono preto como fator da civilização brasileira” (1918) de Manuel Querino. Na qual Querino utilizou o termo “colono” chamando a atenção para o reconhecimento do trabalho durante a colonização em que o negro fazia o cultivo de terras, a produção do açúcar e na garimpagem de ouro, prata, diamante e outros metais. E objetivos específicos: Investigar visões sobre a questão racial presente no Brasil; buscar interpretações que rompam com os pré-conceitos raciais presente no Brasil na virada do século XIX para o século XX e compreender a dinâmica da construção da identidade do “ser negro” reconhecendo-o como principal fonte de trabalho e desenvolvimento do Brasil.

Essa pesquisa se justifica por reconhecer o negro como sujeito importante da construção da colonização, no momento em que o negro não tinha nenhum valor. Assim, Querino se sobressaiu ao ressaltar a contribuição do africano no processo de caracterização do país. O método adotado para realização do trabalho refere-se ao tipo qualitativa a partir de pesquisas bibliográficas. Os principais autores que contribuíram para o trabalho foram: Munanga (2004), Luca (2001), Leal (2016), Glendhill (2008), entre outros.

Os instrumentos de coleta de dados e resultado da pesquisa foi a partir da análise textual dos autores. Dessa forma, dividimos o trabalho em três partes, na qual o primeiro capítulo falamos da vida do intelectual Manuel Raimundo Querino e destacamos um breve contexto político, social e econômico do Brasil do início do século. Período em que o Brasil passou por transformações causadas

pela hegemonia social europeia, que buscava civilizar e nacionalizar o país. Nesse cenário, o negro foi marginalizado socialmente e despido de qualquer valor.

Enquanto que o segundo capítulo, discute sobre a colonização do Brasil, de acordo com o discurso e obra “O colono preto como fator da civilização brasileira” (1918) de Manuel Raimundo Querino que destaca o trabalho do negro nesse processo. Neste sentido, analisamos a obra de Manuel Querino com a finalidade de (des)construir narrativas criadas sobre o negro no Brasil, que o identificava como atraso social e econômico da nação brasileira. Sua obra defendeu a contribuição africana ao Brasil, que antes era negada.

O terceiro capítulo, apresentamos a contribuição e valorização do enraizamento dos costumes africanos no Brasil. No início do século XX, houve uma tentativa fazer do Brasil um país civilizado e moderno como os países da Europa. Com isso, os negros e seus descendente eram vistos pelos europeus como inferiores. Nesse sentido, com a obra “A raça africana e seus costumes na Bahia” (1917), Manuel Querino a positivação e o enraizamento dos costumes africanos no Brasil, bem como, na religião, na culinária, língua, música e dança. Dessa forma Querino singularizou-se por destacar o negro na formação da sociedade brasileira.

Portanto, como resultado da pesquisa temos o reconhecimento e valorização do negro como civilizável colocando-o num lugar de destaque e não à margem da formação do Brasil. Querino defendeu o trabalho colonizador do africano no Brasil. Sua ação possibilitou reflexões sobre o trabalhador negro, e intentou romper com barreiras sociais e política impostas ao negro na sociedade brasileira.

CAPÍTULO I

MANUEL RAIMUNDO QUERINO E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

O objetivo deste capítulo foi refletir sobre o contexto histórico e a vida de Manuel Raimundo Querino. O pensador se destacou por apresentar o negro como o fator principal da construção formação da sociedade brasileira num momento em que a depreciação da figura do negro era parte integrante do pensamento hegemônico.

No final do século XIX e início do século XX, o Brasil passava por processo de construção da nacionalidade com a da recém chegada sociedade republicana. Neste momento o negro e seus descendentes sofreram discriminação racial e exclusão social.

O período em que o Brasil buscava a modernização e civilização para inserir-se aos parâmetros do desenvolvimento europeus, também foi palco para vários intelectuais apresentarem pensamentos hegemônicos acerca do negro. Para entender o cenário que se apresentava o Brasil nos anos iniciais do século XX, voltamos ao contexto histórico do século XIX. Nesse período surgiu na Europa o chamado “racismo científico”, e tinha como principal personagem o autor Conde de Gobineau (1869), que defendia a restauração da velha ordem absolutista, garantindo privilégios à nobreza. Gobineau via a raça ariana (branca) como portadora de uma aptidão civilizadora e esta não deveria se misturar com outras, caso contrário, levaria à queda das civilizações.

No início do século XX, Brasil, com a busca pela construção da nacionalidade do país e alguns estudiosos brasileiros como médico Nina Rodrigues (1894) dedicou-se a escrever temas ligados às teorias eugenista criada na Europa, no século XIX. Buscavam explicar a construção da identidade brasileira e o lugar do negro nesse processo. Nesse sentido Manuel Raimundo Querino foi singular por escrever obras em que ressaltava a importância do negro na formação da sociedade brasileira. Apresentou através de suas obras a posituação do negro elevando este como principal colonizador do Brasil, diferenciando-se dos discursos construídos por seus contemporâneos.

1.1 Brasil no alvorecer da República

O preconceito racial foi intensificado na virada do século XIX para o século XX resultado do pensamento europeu que construiu um discurso da superioridade do branco em detrimento do negro. O Brasil vivia novas caminhos com o novo século. Momento intenso no que se referiu à busca de uma identidade nacional.

As teorias raciais ganharam debates acerca do futuro da recém-nacionalidade brasileira, provocando efeito negativo que ultrapassou a abolição da escravatura no Brasil (1888) e ganhou força no início do século XX, com o recente governo republicano, ou seja, o novo projeto político para o país. Assim, “[...] as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesse que se montava”. (SCHWARCZ,1993, p.18).

De acordo com o autor Ricardo Alexandre de Souza (2013), o racismo científico espalhou-se no Brasil com a chegada do conde Gobineau nos anos 1869, veio em missão diplomática apresentar um literato com vasta produção, porém, os que ficaram mais conhecido foram o “Essai sur l’inégalité des races humaines” – Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas. A obra procurava,

Compreender a causa da ascensão e queda das grandes civilizações e chegara à conclusão de que a questão étnica era a mola propulsora da história. A mistura de raças seria, portanto, a razão para o fim das grandes civilizações. Nesse caso, os brasileiros não seriam dignos de um bom prognóstico por parte do conde, o qual acreditava que em menos de duzentos anos essa população seria extinta. (SANTOS, 2013, p.21)

Através da colocação do autor, os anos iniciais do século XX, estava marcado pelo debate acerca do futuro da nação brasileira. Para Gobineau a população brasileira estaria destinada a não se desenvolver como moderna e civilizada. Assim, o racismo que se apresentou de diversas maneiras na sociedade tendo como resultado a origem da marginalização\exclusão do negro da nova sociedade republicana.

O preconceito racial e a exclusão social estavam presente na nova sociedade que se formava e gerou uma longa história de desigualdade no país. Para Nunes e Ribeiro (2016),

A desigualdade de condições sociais, de tratamento e de direitos entre conquistadores e conquistados que gerou privilégios para gerações futuras e que persistem até os nossos dias, é consequência da doutrina racista que se expressou na visão de inferioridade biológica dos negros (2016, p.7)

Como bem nos assegura Nunes, as disparidades das condições sociais e econômicas dos grupos sociais menos favorecidos foi efeito da doutrina racista. Diante das transformações do cenário social pensar o Brasil/Nação constituía tarefa complexa frente à heterogeneidade racial e a desigualdade econômica. Prevalia o pensamento acerca do negro que trazia marcas do passado identificando-o como o elemento de atraso para uma sociedade que buscava inserir-se aos moldes de civilização europeia. Brasil procurou construir sua identidade baseada nas referências da modernização europeia. Porém, as marcas do passado escravocrata significaram obstáculo para a construção de uma identidade moderna. Dessa forma, resolver o problema do atraso era a chave para solução das mazelas sociais, econômicas e culturais do País.

No início do século XX movimentações econômicas marcaram o período áureo das agitações sociais ocorridas nos anos de 1917-1920. A conjuntura criada pela primeira guerra mundial (1914-1918) proporcionou oportunidade para o crescimento da economia brasileira. (LUCA, 2001, p.37). Dessa forma, a industrialização brasileira foi estimulada por quatro fatores: capitais nacionais, disponibilidade de matéria-prima, grande oferta de mão de obra barata e um sistema de transporte ligado aos portos.

São Paulo e Rio de Janeiro tornaram-se os estados mais industrializados do País. Ianni (1971, p.34) destaca que São Paulo, em 1920 ocupava posição de destaque no país liderando a corrida industrial da região. Nos anos de 1930, milhões de imigrantes abandonaram seus países de origem em busca de uma vida melhor na América, ou mais especificamente, no Brasil. Por serem de cor branca e católicos, italianos, portugueses e espanhóis foram os imigrantes elegidos pelas autoridades e dos fazendeiros do Brasil como o trabalhador apto para o advento do capitalismo.

As elites brasileiras acreditavam na superioridade do europeu branco e usaram sua contribuição na tarefa de branqueamento da população brasileira por meio da miscigenação. Pensadores da época como, Euclides da Cunha (1902),

Nina Rodrigues (1894) e Silvio Romero (1969) defenderam a ideia do branqueamento da população brasileira. Bulcão Neto escreveu sobre o intelectual Silvio Romero defensor do branqueamento do povo brasileiro:

Afinal, se no homem misto, “cada célula é o palco de então é possível que todas as batalhas sejam travadas nesse nível molecular — graças ao intercurso sexual, essa guerra inter-racial, silenciosa e subterrânea, torna-se contínua, passa de uma geração a outra até a vitória final do homem branco sobre o bugre e o negro. (BULCÃO,2009, apud, NUNES, RIBEIRO, 2016, p.02,03)

Como aponta Bulcão (2009), os intelectuais do Brasil do final do século XIX e início do século XX defenderam o processo de branqueamento do povo brasileiro através da mestiçagem. Segundo esses pensadores era preciso incentivar a imigração do branco europeu para alcançar o objetivo do branqueamento do povo brasileiro. “Pois a raça mais evoluída, os brancos, prevaleceria sobre as demais e assim, aos poucos os traços físicos de negros, índios e mulatos desapareceriam ao serem assimilados essa mistura de raças”. (NUNES, RIBEIRO, 2016, p.2).

De acordo com Nunes e Ribeiro, os intelectuais argumentavam que o processo de branqueamento da recém nação brasileira daria ao Brasil acesso ao conjunto das nações civilizadas. O negro e o indígena desapareceriam graças à miscigenação. Essa ideia foi defendida ao longo do século XIX e do início do século XX e possibilitou a naturalização da ideia de branqueamento e modernização eram sinônimos da civilização do Brasil.

Assim, na primeira república, a industrialização, a urbanização e a modernização estiveram estreitamente associadas à imigração de trabalhadores brancos. No final do século XIX, ricos cafeicultores paulistas fundaram a sociedade Promotora da Imigração, que recebeu do governo provincial a autorização para organizar a entrada dos imigrantes no Brasil. O sistema arquitetado foi que “[...]os imigrantes deveriam ser arregimentados na Europa, sobretudo Itália, Portugal e Espanha” (LUCA,2001, p. 16). As maiores fábricas paulista foram compostas por fazendeiros. Os principais ramos industriais da época foram o têxtil, o de alimentação (incluindo bebidas) e o de vestuário. Porém, em termos quantitativos, o café continuava sendo o produto que provia as riquezas dos produtores. Dessa forma, “Montou-se toda uma estrutura

destinada a atender às necessidades da cafeicultura: estrada de ferro, portos, companhias exportadoras, seguradoras e financiadoras.” (LUCA, 2001, p.43)

Contudo, o início do século que se alvorecia foi marcado por contextos sociais conflituosos e complexos como a Revolta de Canudos¹, a revolta do contestado² (Santa Catarina e Paraná), a Revolta da Vacina³ (1902 no Rio de Janeiro), a Greve anarquista de 1917⁴, a exclusão do direito do voto aos homens analfabetos e mulheres, o autoritarismo e o descaso dos governantes da república contribuíram para constantes turbulências no cenário nacional. Esses conflitos eram resultados das péssimas condições de vida, da falta de emprego, da não escolaridade da população negra que evidenciaram a existência da desigualdade racial em nosso país. Tratava-se de uma desigualdade construída ao longo do processo histórico, político e social do Brasil.

Algumas vozes como Lima Barreto (1911) e Manoel Querino (1918), se colocaram contra esse discurso hegemônico de branqueamento da sociedade e inferioridade racial. Querino construiu discursos sobre a valorização do negro na identidade brasileira ao elevá-los como protagonista na formação do Brasil. Assim, Querino lutou contra o esquecimento do negro e defendeu a inclusão da ação dos trabalhadores negros na da história do Brasil.

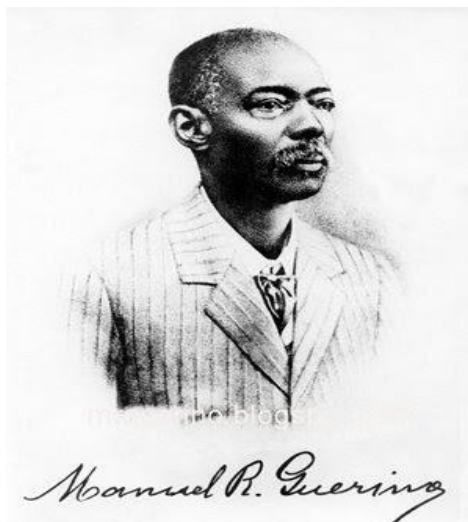
1.2 Manoel Raimundo Querino: uma voz dissonante em seu tempo

¹ Nos sertões da Bahia, em 1893 e 1895, liderado por Antônio Vicente Mendes Maciel o “conselheiro”. Causa principal foi a miséria do povo do sertão, desmandos dos coronéis e desemprego. Principal característica foi de caráter religioso, os habitantes de canudos (terras de uma antiga fazenda) buscavam conforto material e espiritual. (CAMPOS, 1991).

² Movimentos dos camponeses contra a exploração dos grandes proprietários rurais. Ocorreu no Paraná e Santa Catarina em 1912 e 1916. (CAMPOS, 1991)

³ Causada pela campanha de vacinação obrigatória da população, ordenada pelo governo federal sob liderança do secretário de Saúde Oswaldo Cruz incumbido de combater a varíola causada pela grande infestação de ratos. Porém, esse argumento tinha como pano de fundo o processo de urbanização do Rio de Janeiro que expulsou grande parte da população pobre dos centros da cidade. (BOULOS,2018).

⁴ Repercutiam no Congresso as reivindicações trabalhistas: jornada de oito horas, assistência aos acidentados em trabalho, melhoria do trabalho feminino, assistência ao menor, fixação da idade de 14 anos como idade mínima para admissão ao trabalho e outras reivindicações nesse estilo. Surgiram jornais e panfletos operários. (LUCA,2001).



(Fig.1) Manuel Querino, 1911 In. Artistas Bahianos. Indicações Biográficas. Bahia, Oficinas da Empresa “A Bahia”, 2ª edição, 1911⁵.

Manuel Raimundo Querino nasceu em 28 de julho de 1851, na cidade de Santo Amaro da Purificação na Bahia. Filho do carpinteiro José Joaquim dos Santos Querino e Luzia da Rocha Pita, ambos negros livres, falecidos durante a epidemia de cólera em 1855 (CALMON, 1980). Órfão, aos quatro anos de idade, foi entregue à Manuel Correia Garcia⁶. Este representou para Querino a figura paterna e o iniciou nos estudos.

Ainda jovem Querino se apaixonou pelas letras e pelas artes. Iniciou seus estudos de arte e arquitetura na Academia de Bela Artes na Bahia. Aos 16 ou 17 anos, foi recrutado pela força para a Guerra do Paraguai, da qual escapa da atuação em campo de guerra por saber ler e escrever, servindo em batalhão sediado no Rio.

De volta a Bahia, “passa a atuar na política do partido liberal torna-se ativista sindical na organização de contratação de artesãos e operários. É nomeado vereador pelo presidente da província da Bahia”. (GUIMARAES, 2004, p.9). Passando essa fase, após sua experiência militar e participação na vida pública⁷, completa sua formação nas Artes. Foi trabalhador manual segundo

⁵ VASCONCELLOS, 2009. O uso de fotografia de Africanos no estudo Etnográfico de Manuel Querino, disponível em: <https://doi.org/10.11606/iss.1983-6023.sank.2009.88747> . Acessado em 12 de junho de 2022.

⁶ Quando seus pais faleceram, Manuel Querino teve como tutor o bacharel Manuel Correia Garcia, professor da Escola Normal e seu padrinho foi o Conselheiro Manuel Pinto de Souza Dantas, chefe do Partido Liberal na Bahia. (CALMON, 1980)

⁷ Foi um dos fundadores da Sociedade Liga Operária Baiana (1876) e do Partido Operário da Bahia (1890), além disso, foi Conselheiro Municipal em duas ocasiões, entre 1891-1892 e 1897-1899.

Leal, (2007) “foi pintor-decorador e aperfeiçoou-se nos cursos superiores de desenho e arquitetura”, artista (diplomado), desenhista, funcionário público, professor, pesquisador, escritor, Segundo Miguel Chaves, ex-diretor do Liceu de Artes e Ofícios, Querino teria integrado o grupo de artistas que aderiu à ideia de fundação do Liceu”. (LEAL,2016, p. 144).

Manuel Raimundo Querino era negro, viveu as transformações culturais, sociais e econômica que se apresentava no final do século XIX e início do século XX. Foi um crítico defensor das causas populares e negra. Atuou em vários campos da política e elevou a importância do negro no processo de formação do Brasil através da arte, do jornalismo do movimento operário que envolviam trabalhadores, escravizados, libertos e livres. “Neste sentido eram denominados artífices, artesãos ou operários, caracterizados como povo trabalhador e classificados entre as ‘classes menos favorecidas da fortuna, ou classes populares”. (LEAL,2020, p.04).

Manuel Querino se dedicou no início do século XX em Salvador a escrever obras que ressaltassem a positividade do negro na formação do Brasil. Buscou compreender as transformações ocorridas na cultura do negro em diáspora do continente africano, precisamente das terras dos sertões do Níger e do Congo. Segundo Querino, (1917, p.7),

Muitos dos costumes enraizaram-se em nossa cultura, outros desapareceram por incompatibilidades com o cristianismo dominante na época colonial, outros sofreram modificações e se infiltraram tão sutilmente na nossa população, que tão pouco é perceptível na sociedade atual. (QUERINO,1917).

De acordo com a afirmativa acima, Querino propôs um estudo acerca da contribuição da raça africana para o aldeamento do povo, antes nunca falada pelos intelectuais da época. Porém, Querino, afirmou a contribuição e enraizamento dos costumes da raça africana, para formação do Brasil formando a diversidade cultural brasileira. Apesar de seus pensamentos inovadores para sua época, Querino por ser negro teve dificuldade para inserir-se no meio da elite intelectual brasileira no início do século XX, autores negros como Manuel Querino (1851- 1923) e André Rebouças (1838-1898) não eram reconhecidos como intelectuais renomados. “Nunca foram reconhecidos, por exemplo, como

“homens de ciências”, mas apenas como autodidatas, curiosos ou jornalistas”. (GUIMARAES, 2004, p.8).

Querino se diferenciou ao interpretar a sociedade brasileira escrevendo de forma crítica o trabalho dos africanos no Brasil colonial demonstrando a injustiça social causada pela escravidão. Sua experiência como trabalhador, artista e educador permitiu a Manuel Querino construir uma produção marcada pelo processo de modernização e progresso que se formava no Brasil. Seus ensaios abordam os costumes, a cultura e a religião africana. “O que podemos asseverar é que nos custou muito esforço e atividade, afim de que o resultado das nossas pesquisas tivesse o selo da verdade.” (Querino, 1917.p.4)

Assim, entre os anos de 1903 e 1922 suas produções foi baseada na perspectiva da história-testemunho enquanto sujeito, observador, pesquisador crítico que vivenciou um período de mudanças que marcaram os processos que culminaram na abolição da escravidão e da implantação e consolidação da República no Brasil (LEAL,2009).

Entres suas obras citamos: Artistas Baianos (1906), As Artes na Bahia (1909), A Raça Africana e os seus costumes na Bahia (apresentado no 5º Congresso Brasileiro de Geografia em 1917), O Colono preto como fator da civilização brasileira (1918), Homens de Cor Preta Na História (1923), A Arte culinária na Bahia (publicado postumamente em 1928) e 1899 quando saiu do cenário político fez vários ensaios de artigos lançados na Revista do Instituto Geográficos e Históricos da Bahia (onde foi um dos fundadores). (REIS,2009)

Quando em 1917, Manuel Raimundo Querino apresentou no 5º congresso de Geografia ocorrido em Salvador na Bahia, um ensaio titulado “A raça africana e seus costumes na Bahia” e fez uso de fotografias de africanos para identificar o cotidiano e os costumes do negro no Brasil no início do século XX, diferenciou-se de seus contemporâneos como Louis⁸ Agassiz e Nina Rodrigues, que utilizavam fotografias de africanos escravizados, mestiços e indígenas no Brasil para argumentar sobre o evolucionismo, que via os africanos e seus descendentes num estágio inferior de desenvolvimento. (VASCONCELOS,2009).

⁸ Professor da Universidade de Harvard. Entre 1865 e 1866 esteve no Brasil defendendo a ideia do racismo científico. (VASCONCELLOS, 2009).

Como aponta Vasconcellos (2009) estes estudiosos seguiam os padrões do Darwinismo social. A composição deste tipo de fotografia consistia num cenário sem detalhes de fundo, num espaço estreito, onde o sujeito era colocado nu, sozinho, posando em diversos ângulos: perfil, frente e costas. (VASCONCELLOS, 2009, p. 94).

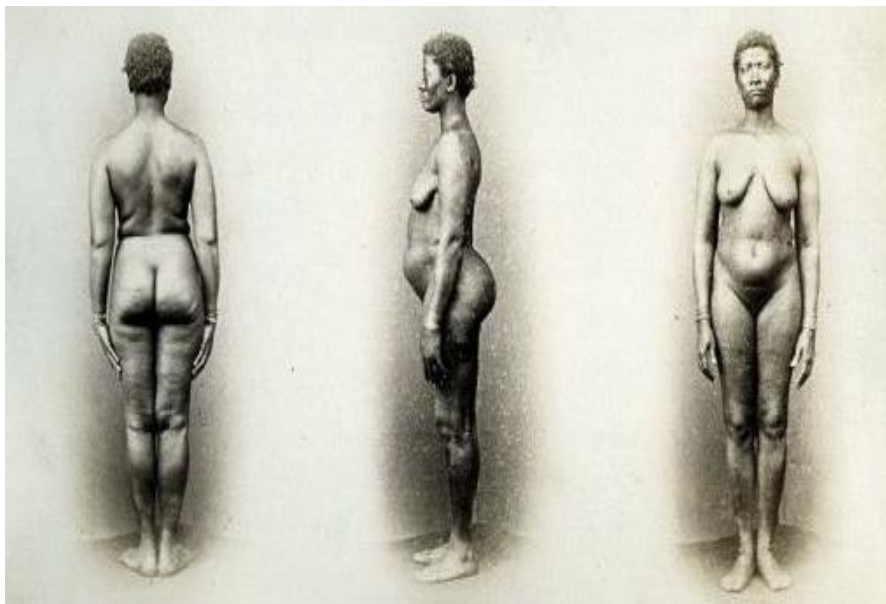


Fig.2- August Stahl. Negra de costa, perfil e frente. Rio de Janeiro, 1865. Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, Harvard University. (Disponível em: <https://livrosdefotografia.org/artigos/@id24169>>. Acessado em: 22/08/2022.

Como observamos na imagem, de fato as fotografias tornaram-se ferramentas indispensáveis para explicar discursos raciais vigente entre o século XIX e XX. A metodologia do uso das imagens consistia em associar o fenótipo de uma pessoa com a hierarquização feita pelo evolucionismo cultural. A invenção da “mulher hotentote” é a mais conhecida foi criada nas expedições científica do século XIX na África do sul sob o pretexto de buscar “amostras das raças inferiores”. (VASCONCELLOS, 2009). Com isto, o racismo científico defendia um padrão genético superior para a raça humana e argumentavam que o branco tinha o melhor padrão de beleza, saúde e aptos para a civilização. Querino, todavia, diferenciou-se dos autores evolucionistas. Retratou o negro em sua diversidade. Suas fotografias não representavam apenas o físico do negro, mas as diferentes etnias, as ocupações, a religiosidade e etc.



Fig.3 Representantes das tribos igê-chá e ioruba. (QUERINO,1917, p.15). VASCONCELLOS,2009. O uso de fotografia de Africanos no estudo Etnografico de Manuel Querino, disponível em: <https://doi.org/1011606/iss.1983-6023.sank.2009.88747> . Acessado em 12 de junho de 2022.



Fig.4 Mulheres da tribo destacadas em suas tribos por serem peritas na arte culinária e ótimas ama de leite. (QUERINO,1917). VASCONCELLOS,2009. O uso de fotografia de Africanos no estudo Etnografico de Manuel Querino, disponível em: <https://doi.org/1011606/iss.1983-6023.sank.2009.88747> . Acessado em 12 de junho de 2022.

Manuel Raimundo Querino tratou de apresentar o negro no seu lugar de destaque desempenhando seus ofícios. Querino retratou o negro enquanto líder, representante e bem vestido, como vemos nas figuras 3 e 4. Dessa maneira, Querino singularizou-se por apresentar no início do século XX, o negro com nova visão daquelas que seus contemporâneos o viam.

Portanto, Manuel Querino foi uma voz que denunciou os processos de exclusão social, política e econômica do africano como sujeito da identidade do Brasil/Nação em construção. Por conta de sua origem negra, sentiu na pele o que sua cor presentava para a sociedade do século XX. No entanto, sua cor não calou sua voz. Expressou com indignação temas que o afligiram, como a situação política, social e cultural da população trabalhadora, pobre, destituída

de direitos e de cidadania. Para Querino, era necessário dignificar o trabalho realizado pelo colono preto no processo de construção do Brasil.

1.3 Manuel Querino: um olhar sobre a historiografia brasileira

Os discursos presentes na virada do século XIX para o século XX construíram narrativas sobre o negro que ligava sua imagem à inferioridade e à não civilidade. A escrita da história do Brasil foi construída em uma perspectiva europeia e patriarcal fortemente influenciada pelo pensamento racista. Manuel Querino foi um dos poucos sujeitos negros de seu tempo que conseguiu por meio de sua escrita lutar contra o preconceito racial presente nesse período. Desse modo,

A singularidade da interpretação da escrita da história de Manuel centrava-se em sua defesa e posituação da participação dos africanos na constituição da sociedade brasileira. Esse processo de formação do Brasil despertou o interesse de boa parte da intelectualidade brasileira daquele período. A maioria desses indivíduos via esse processo como resultado da colonização portuguesa e situavam os africanos e indígenas na posição de coadjuvantes. O que se justificava em função da influência que teorias raciais estrangeiras exerciam sobre essas leituras, feitas por Sívio Romero e Euclides da Cunha, por exemplo. (PEREIRA, 1932, p.6).

Do exposto acima, Manuel Querino foi singular em escrever sobre a posituação do negro no processo de colonização do Brasil. Seus escritos e produções foram contrários aos discursos anteriores construídos por partes dos intelectuais do século XIX que via o negro apenas como colaborador nesse processo.

Querino viveu intensamente o seu tempo nos diversos lugares sociais por onde circulou, apresentou-se na dianteira da escrita da história do Brasil apresentando o trabalhador negro e as classes populares de forma positiva, confrontando as teorias raciais do século XIX e início do século XX.

A sua produção literária perseguiu propósitos científicos da época, além de incluir métodos inovadores ao utilizar-se da memória e da oralidade, além de colocar na pauta uma discussão que incomodou a muitos intelectuais, ao destacar e reivindicar a importância da cultura africana na formação da nação brasileira. (LEAL, 2016, p.154)

De acordo com a autora Leal (2016), Manuel Raimundo Querino foi um dos primeiros intelectuais a inovar a escrita de seu tempo ao coletar fontes orais para escrever sobre os africanos e sua importância na composição da identidade nacional. “A sua legitimidade baseava-se quase exclusivamente no acesso privilegiado que tinham às fontes e às pessoas sobre as quais escreviam (festeiros populares, africanos, pais e mães-de-santo”. (GUIMARAES,2004, p.9). Dessa maneira, rompeu com os parâmetros de inferioridade racial ao denunciar o esquecimento do negro na historiografia brasileira no século XIX.

Querino possibilitou novos olhares sobre o pensamento político e social no Brasil, suas narrativas identificaram a necessidade de reconhecimento por parte da elite intelectual brasileira acerca da contribuição africana para o país

CAPITULO II

A FORMAÇÃO DO BRASIL A PARTIR DO OLHAR DE QUERINO

O objetivo do presente capítulo foi apresentar a formação do Brasil a partir do olhar de Manuel Raimundo Querino. Nas páginas a seguir, foi apresentado a participação ativa do negro no processo de construção do Brasil. Querino mostrou o negro como sujeito essencial no processo de construção do Brasil. Foi contra toda forma estrutural da escrita da história do Brasil, que era fundamentada numa perspectiva europeia e buscava silenciar a contribuição do negro na formação da sociedade brasileira.

Manuel Raimundo Querino analisou como se deu esse processo de colonização e como os portugueses realizaram o processo de exploração do trabalho negro no Brasil. Além disso, Querino interpretou o negro como agente civilizador no processo de colonização do Brasil. Essa perspectiva foi apresentada na obra “O colono preto como fator da civilização brasileira” (1918) para entendermos a atuação do africano colonizador no Brasil.

Contudo, esse capítulo trabalhou a ação colonizadora do negro no Brasil e destacou suas principais conquistas e resistência frente às imposições posta pelos colonizadores portugueses. Sem os artifícios do africano seria impossível realizar o trabalho de colonização nas terras brasileira.

2.1 O Colono Preto

O afro brasileiro Manuel Raimundo Querino publicou o que seria a maior obra de sua vida, “O Colono Preto Como Fator da civilização Brasileira” (1918). Nela vemos que Portugal em meados do século XVI buscou o monopólio e as riquezas com suas navegações. “Conquistou a Índia, para que estranhos a lograssem, devassaram a China, para que utilizassem depois os seus comércios, levaram ao Japão, os primeiros rudimentos da civilização ocidental”. (Querino, 2013, p.11). Sobre a ação civilizadora dos portugueses,

Os portugueses foram sem dúvida, bons soldados e bons marinheiro empreendedores, valente e denotados, porém, nunca foram conhecidos senão como conquistadores. Conquistaram grande parte da África e da Ásia, e de suas

conquistas só sabemos que tantos mil morros ou índios se tinham deixado degolar impunemente por tanto centos de portugueses, em tal ou qual parte. (QUERINO,2013, p. 12).

De acordo com Querino (2013), os portugueses foram movidos pelas riquezas que serviam de estímulo para conquistar novos territórios. Porém ruínas foram o que deixaram os portugueses. Em meados do século XVI, diante das pretensões de domínio, a metrópole portuguesa voltou seus olhares para a América. Para Querino, (2013, p.13) “decidiu-se a metrópole portuguesa recuperar no Brasil o que perdera no levante, e aqui os recursos de toda a ordem poderiam satisfazer às necessidades do momento, e, bem assim, assegurar-lhe próspero futuro”.

Iniciado o processo de colonização do Brasil os índios foram os primeiros a sentirem a ação dominadora dos portugueses. Porém foram insubmissos e nem mesmos os jesuítas foram capazes de contê-los. Os índios tentaram resistir à escravidão, fugiram para as matas de difícil acesso, foram caçados por portugueses armados de fuzis. Além disso, os invasores europeus trouxeram várias doenças para as terras brasileiras como a gripe e outras doenças venéreas. Dessa maneira, os portugueses foram “os piores elementos da metrópole” que teriam fracassado com a tentativa de colonizar o índio (PEREIRA, 1932, p.08).

A partir desse insucesso a

Metrópole mudou o rumo, e, a exemplo de outras nações da Europa, e, de parceria com o árabe, firmou o seu detestável domínio no celeiro inesgotável que fora o Continente Negro, arrancou dali o braço possante do africano para impulsionar e intensificar a produção de cereais e cana de açúcar e desentranhar do seio da terra o diamante e metais preciosos. (QUERINO,2013, p.14)

Como nos assegura o autor, podemos dizer que os portugueses não contentes em escravizar o índio brasileiro destruíram tribos e nações inteiras como aconteceu no Maranhão e Pará voltaram suas vistas para as terras africanas. (Querino, p.21). Diante disso, podemos dizer que as contribuições dos africanos para o Brasil foram significativas, pois,

O colono preto, ao ser transportado para a América, estava já aparelhado para o trabalho que o esperava aqui, como bom caçador, marinheiro, criado, extrator do sal, abundante em outras regiões, minerador de ferro, pastor, agricultor, mercador de marfim, etc. Ao tempo do tráfico, já o africano conhecia o

trabalho da mineração, pois lá abundava o ouro, a prata, o chumbo, o diamante e o ferro. (Querino, 2013, p.19).

Para Querino, o negro estava preparado para o trabalho necessário para o desenvolvimento do Brasil colonial como na agricultura, mineração e outros, o processo de colonização do país não teria tido sucesso sem o trabalho desses colonos pretos que aqui chegaram. De acordo com Querino (2013) os primeiros ouros encontrados couberam a um preto bandeirante, que mesmo com o corpo marcado pelos açoites de feitores encontrava-se determinado a cumprir as suas obrigações que lhe foram postas. Assim, “Robusto, obediente, devotado ao serviço, o africano tornou-se um colaborador precioso do português nos engenhos do Norte, nas fazendas do Sul e nas minas do interior”. (QUERINO, 2013, p. 22).

Com o sucesso da extração de ouro, no final do século XVIII impulsionou ainda mais a exploração de minas e, conseqüentemente, o tráfico africano teve um aumento significativo. Com isso,

Foi, portanto, mister importar desde cedo, o africano e dentro em pouco tempo os navios negreiros despejavam na metrópole da América Portuguesa e em outros pontos centenas e centenas de africano, destinados aos trabalhos da agricultura e a todos os outros misteres. (QUERINO,2013, p. 21).

De acordo com Manuel Querino identificamos o aumento do tráfico do colono preto para o Brasil. Com isso, cresceu, portanto, a cobiça pelas riquezas naturais do Brasil. Foi dessa maneira que os portugueses levaram as riquezas proporcionada pela faina do africano sem nenhum sacrifício ou força de trabalho, tudo isso, graças ao trabalho realizado do negro. Foi o braço ativo nos engenhos da coroa portuguesa que proporcionou aos colonizadores portugueses manter a vida requintada. Para Querino,

Sem esquecimento, já se vê dos serviços de prata, palanques, cavalos de preço com suas respectivas selas de ouro, tudo adquirido pelo esforço do herói do trabalho que era o africano escravo, dócil e laborioso; pois o reinol acostumara-se a gozar o fruto do trabalho sem sentir-lhe o peso. (QUERINO,2013, p. 23).

De acordo como exposto acima, o autor nos assegura que os portugueses estavam acostumados ao ideal de riqueza fácil. Afirmou que, “foi o trabalho do negro que aqui sustentou por séculos e sem desfalecimento, a nobreza e a prosperidade do Brasil”. (QUERINO,2013, p.46)

E continua,

Foi com o produto do seu labor que os ricos senhores puderam manter os filhos na universidade europeia, e depois nas faculdades de ensino do país, instruindo-os, educando-os, donde saíram veneráveis sacerdotes, consumados políticos, notáveis cientistas, eméritos literatos, valorosos militares, fizeram do Brasil colônia, o Brasil independente, nação culta, poderosa entre os povos civilizados. (Querino,2013, p.47).

No texto acima, percebemos que foi o trabalho do negro escravizado que foram produzidas as riquezas que ajudaram na construção da base econômica do Brasil. O colono preto forneceu a força de trabalho com a mão de obra necessária para a lavouras de açúcar, de café e de algodão. Portanto, não resta dúvida de que a agricultura foi a fonte inicial para o desenvolvimento econômico do país, e o trabalho dos africanos foi importante para seu êxito.

Portanto, Manuel Raimundo Querino, com a obra “O colono preto como fator da civilização brasileira” (1916) apresentou dois importantes pontos de corte com a historiografia tradicional. O primeiro, trata o africano como “colonizador”, e não apenas como elemento passivo, mão-de-obra escrava. Já o segundo, aponta o seu papel civilizador, sua atuação como elemento que cria e promove a civilização, invertendo a tradicional associação do “preto” com a “barbárie” e como elemento objeto da obra civilizadora do branco português (GUIMARAES,2004). A singularidade da interpretação de Querino encontra-se na positivação do negro no processo de construção da nação brasileira.

2.2 O Negro Como Fator da Civilização: Seus processos de lutas e resistência

A contribuição africana foi além da mão-de-obra que consolidou o campo econômico, pois os escravos que aqui chegaram, trouxeram suas práticas culturais e incorporaram às novas práticas culturais europeia e indígena. Assim, novas influências foram sendo formadas em vários segmentos no período colonial, e são perceptíveis na culinária, nas práticas religiosas, na dança, e na

linguagem. Nesta obra Querino apresenta ações significativas por parte dos negros.

No início do século XX, era impossível falar sobre a igualdade entre brancos e negros, mas Querino trouxe novas linhas de pensamento sobre a formação da identidade do país reafirmando a contribuição do negro no processo da construção e da civilização brasileira:

Quem quer que compulse a nossa história certificar-se-á do valor e da contribuição do negro na defesa do território nacional, na agricultura, na mineração, como bandeirante, no movimento da independência, com as armas nas mãos, como elementos apreciáveis na família, e como herói do trabalho em todas as aplicações úteis e proveitosas. (Querino,2013, p.46).

O autor elevou o africano como principal fator na ação colonizadora do país. Foi a ação civilizadora do colono preto que fez todas as riquezas do Brasil, pois os negros tiveram maior conhecimento do trabalho que aqui realizaram. Para além da contribuição na mão de obra qualificada, “o negro foi incessante e tornou-se a fonte da fortuna pública e particular do país”. (Querino, 1917.p. 16).

Quando os africanos chegaram ao Brasil sofreram e foram privados de sua liberdade e eram castigados quando se rebelaram contra a ordem imposta. Durante muitos anos no Brasil historiografia construiu um discurso que o africano escravizado sofreu de forma passiva ao regime escravocrata. Essa crença influenciou diretamente na maneira de pensar sobre o lugar do negro no Brasil. Esse pensamento colaborou para o crescimento do racismo e discriminação do negro no Brasil. (MUNANGA,2004).

Podemos afirmar que a história do negro no Brasil é uma história de luta e organização, e formaram em seu íntimo um sentimento de coragem e indignação diante da escravidão e maus tratos praticados por seus opressores. Destacamos a revolta do Malês que foi mais uma forma de resistência negra praticada em terras brasileiras no contexto da escravidão. Ela ocorreu em Salvador na Bahia na noite do dia 24 para 25 de janeiro de 1835. Um grupo de africanos escravos e libertos ocuparam as ruas de Salvador usando roupas toda branca que era símbolo da presença islâmica na Bahia e por mais de três horas enfrentaram soldados armados. Os líderes dessa revolta eram malês (termo pelo qual eram reconhecidos os africanos mulçumanos ou, mais

especificamente, os Nagôs islamizados). Eram eles: Ahuna, Pacífico Licutan, Luís Sanim, entre outros. (MUNANGA,2004). Os malês reuniram-se reuniam-se em suas casas para praticarem os preceitos da religião islâmica, porém a constituição baiana de 1824 estabelecia o catolicismo como a religião oficial. Nesse contexto, as religiões africanas eram consideradas ilegais.

A revolta trouxe para aqueles homens e mulheres escravizados a perspectiva de liberdade, dignidade e humanidade tão massacrada pelo regime escravista. Como resultados, a revolta abalou a estrutura do regime escravista, tanto que no Rio de Janeiro as autoridades reforçaram a vigilância sobre os escravos temendo que o exemplo baiano fosse seguido. (REIS, 2003). Além disso, os rebeldes conseguiram aumentar os debates acerca da escravidão e o tráfico de escravos da África. (MUNANGA, 2004). Foi assim que,

De quanto martírios aqui acabrunharam o coração da raça africana, teve esta, no entanto, um momento de expansivo desafogo, quando desertando os engenhos e fazendas, os escravos construíram a confederação de Palmares, em defesa de sua liberdade. (QUERINO, 2013, p. 33)

Para o autor, no Brasil a escravidão, os acoites, conduziram o africano a realizarem levantes a favor da luta pela sua liberdade “recorreram então, a fuga, a resistência coletiva, escondido nas brenhas, onde organizaram verdadeiros núcleo de trabalho”. (Querino,2013, p.29). A confederação de Palmares foi criada para a defesa de sua liberdade. QUERINO (1917, p.5) esclarece,

Quem havia de pensar que estes homens sem instrução, mas só guiado pela observação e pela liberdade, foram os primeiros que no Brasil fundaram uma república, quando é certo que ainda naquele tempo não se conhecia tal forma de governo, nem dela se falava no país.

A Roma antiga que escravizou tantos povos, teve que enfrentar um exército de escravos gregos que lutavam por sua liberdade, lá os escravos eram instruídos tanto nos jogos públicos como na literatura, vantagens que o africano escravizado na América não possuiu. Pois o rigor do cativeiro, não consentia o menor preparo mental, enfraquecia-se a inteligência. “Sem obstáculos mostrou-se superior às angústias do sofrimento, buscando organizar-se em sociedade com governo independente” (QUERINO,2013, p.33.). Foram capazes de fundar

a confederação de Palmares, uma dinâmica de troca, de trabalho e estrutura social. Dessa forma, elevou o negro como agente civilizador. E assim fizeram,

Os fundadores de Palmares procuraram refúgios no seio da natureza virgem e aí assentaram as bases de uma sociedade, a imitação das que dominavam na África, sua terra de origem, sociedade aliás, mais adiantada do que as organizações indígenas. (Querino, 2013, p.34).

Para Querino, os negros de Palmares estabeleceram organizações sociais como eram feitas nas suas terras de origem, tanto no aspecto político, como social e econômico. Palmares era constituído por vários quilombos⁹ formando uma verdadeira fortaleza.

Além da fundação de Palmares, o colono preto recorreu a outra forma de resistência e busca de liberdade. Os escravos não se desiludiram, não desistiram de serem livres. Querino (2013) falou sobre o escritor Afonso Arinos no artigo Atalaia Bandeirante, que a igreja de Santa Ifigênia, no alto da cruz em Minas guarda a lenda de um rei negro e toda a sua tribo que “A custa de um trabalho insano, feito nas curtas horas reservadas ao descanso, o escravo rei pagou a sua alforria” reservou o fruto do seu trabalho para comprar a liberdade de um componente da da tribo; os dois trabalharam juntos para o comprarem o terceiro; outros para o quarto, e assim, sucessivamente, libertou-se a tribo inteira. [...]”. (QUERINO, 2013, p. 39).

De acordo com Querino, os africanos praticavam na Bahia quase o mesmo. A partir de 1834, os senhorios concederam cartas de alforrias e já haviam caixas de empréstimos, destinadas aos africanos à conquista de sua liberdade e de seus descendentes. Essas caixas eram denominadas “juntas”. (QUERINO, 2013). As juntas para a alforrias eram contribuídas pelos africanos. Na ocasião, ficava sob a responsabilidade de um deles, o de mais respeito e confiança, tinha o encarregado de guardar o dinheiro, outro se encarregava da coleta das quantias para entregá-las ao chefe. Não havia escrituração, mas à medida que os associados realizavam as suas entradas o prestamista ia anotando o recebimento das cotas combinadas. Foi assim, a forma em que os

⁹ Refere a um tipo de instituição sociopolítica militar conhecida na África central. Os quilombos brasileiros podem ser considerados como uma inspiração africana reconstruídas pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata. (MUNANGA, 2004).

africanos encontraram para lutarem pela sua liberdade e de seus descendentes. (QUERINO, 2013).

Contudo, podemos afirmar que é relevante elevar o colono preto à condição de verdadeiro agente civilizador do país. A partir dessa obra “O colono preto como fator da civilização brasileira” reconhecemos o negro como destaque no processo de colonização do Brasil, não somente no campo econômico, mas também no campo social e artístico, pois o Brasil possui várias influências. Como veremos no próximo capítulo.

CAPITULO III

DESSAFRICANIZAÇÃO

O Brasil abrigou muitas matrizes étnicas originando conflitos sociais, dimensões territoriais gerando diversidade e herança histórica. Formando a cultura brasileira. No início do século XX houve no Brasil uma mobilização para colocar o país nos trilhos da modernidade, do progresso e da civilização e para os intelectuais que escreveram sobre a formação social do Brasil as marcas do período da escravidão eram vistas como retrocesso impedindo a nação atingir a tão sonhada civilidade.

Aqui cabe realçar que sua ascensão se operou numa conjuntura de rupturas da estrutura social – a Abolição e a República - e de intenso processo de formação nacional. (GUIMARÃES, 2004, p.11). Nesse período buscou produzir narrativas acerca da formação da consciência nacional. Nesse contexto os europeus diziam sistematicamente que os negros e seus descendentes eram inferiores. Guimaraes (2004), afirmou que as formas de se vestir, como as saias rendadas e as práticas de lazer como a capoeira e as práticas religiosas, tudo indicava que o negro estava irremediavelmente fadado ao desaparecimento.

Raimundo Manuel Querino buscou valorizar enraizamento dos costumes africanos no Brasil, suas obras foram fundamentadas nos costumes afro-baiano. “Colheu da própria boca dos negros, informações sobre suas crenças, suas línguas, seus usos e costumes”. (Querino, 1917).

A recente modernização social tinha o objetivo de excluir o negro, pois ansiava-se constituir-se como um país branco. Essa realidade teve como consequência a marginalização do negro e seus descendentes (SCHWARCZ,1993). Raimundo Manuel Querino conceituou essa ação como a “europeização e ou desafricanização no Brasil” (QUERINO,2013, p.5), e ressalta a importância e a valorização do enraizamento da cultura africana no Brasil:

Apreciando-se devidamente o coeficiente de contribuição da raça africana no caldeamento da população brasileira. [...]. A nossa investigação compreende os próprios africanos e estenderam-se aos seus descendentes mais diretos, indivíduos sabedores da praticas religiosas dos ascendentes. (QUERINO,1917, p. 4).

Do exposto acima Querino afirmou que a cultura brasileira teve maior contribuição do povo africano. Destacou em suas produções os acontecimentos

históricos por meio da fala dos próprios africanos ou de seus descendentes mais próximos

3.1 Produção Cultural afro-brasileira

Ao chegarem no Brasil, os africanos tiveram que mesclar-se com referências culturais da Europa e da indígena. A cultura afro brasileira é denominada como um conjunto de manifestações culturais que sofreram grandes influências da cultura africana desde os tempos do Brasil colonial. Os costumes de raízes africana contribuiu na formação da civilização brasileira e reflete diretamente na pratica cultural da população brasileira.

Manuel Querino destacou a notável contribuição do negro na religiosidade, na linguagem, na arte visual, dança, música e na culinária. Considerando essas questões, destacamos marcas que atravessaram séculos de preconceitos como a capoeira, candomblé, o samba de raiz, o jongo¹⁰, entre outros. Manuel Querino apresentou os “costumes das tribos africanas, tais como ainda se observam em terras dos sertões do Niger. e do Congo (Querino,1917, p.7). Trouxe a partir de suas obras os costumes africanos que estavam sendo silenciados e esquecidos.

Sobre o resgate dos costumes africanos herdado no Brasil, Querino “lembra para continuar vivendo e tomar consciência de si” (BURGOS, 1998: 298 apud LEAL,2016, p.2). Querino reconhece-se em um universo na qual desejava ressuscitar, por isso imprimiu em seus escritos o que teria ficado no esquecimento com a chegada do progresso nacional, Querino mostrou a influências cultural africana presente nos hábitos brasileiro, pelo qual formou a característica cultural do Brasil. Os costumes de raízes africana reflete em nossa cultura como forma de resistência. Desde o período colonial lutavam para continuar com suas práticas religiosas, suas cantigas, sua dança, sua maneira de falar e sua culinária. Durante a escravidão, reuniam-se em roda escondida depois do trabalho para cantar, dançar e jogar capoeira.

3.2 A língua

¹⁰ O jongo é uma dança de roda praticada ao som de cantos e tambores. Consiste em apresentações musicais, coreográficas e simbólica e tem em comum os saberes, as crenças, os ritos que remetem a cultura e a religião de matriz africana. (MATOS,2022). Disponível em: www.brasildefato.com.br. Acessado em: 19 de outubro de 2022.

A contribuição do negro da linguagem está associada a demografia populacional no Brasil. Se deu a partir das rotas de tráficos de negros, que durou três séculos seguidos no Brasil, o povoamento de negros fez com que no país houvesse um número maior de africanos e afro-brasileiro do que o número de portugueses e de outros países europeu. “Em 1830, os negros constituíam 63% da população total, os brancos 16% e índios 21%”. (MUNANGA, 2004, p. 20). Podemos, então, supor que essa vantagem, em termos de superioridade numérica impulsionou os africanos a usarem um vocabulário desconhecido daquela linguagem fadada pelos portugueses. Usavam disso para comunicarem entre si. Com o fim do tráfico negreiro e mais tarde a abolição no Brasil, houve um aumento do tráfico interno nas regiões do Brasil, negros que eram escravizados do Nordeste foram levados para outras regiões como sul, sudeste e centro oeste. Segunda a autora Yeda Pessoa de Castro (2005), essa amplitude geográfica causada pelas dispersões de negro resultou no,

Contato direto e permanente de falantes africanos com a língua portuguesa no Brasil, o português do Brasil, naquilo em que ele se afastou do português de Portugal, descontada a matriz indígena menos extensa e mais localizada, é, em grande parte, o resultado de um movimento implícito de africanização do português e, em sentido inverso, de aportuguesamento do africano. (CASTRO, 2005, p.8)

Através da colocação da autora (2005), identificamos que a interação linguística entre o português e o indígena favoreceu a formação de novas palavras de raízes africana, diferenciando-se do português oficial que era falado no Brasil. “Em geral os africanos falavam vários dialetos sendo “a língua loruba a mais importante pela extensão do seu domínio no continente negro” (QUERINO, 1917, p. 15).

Assim, muitas das palavras usadas no cotidiano brasileiro é de origem africana, e na maioria das vezes, são utilizadas pelos brasileiros sem terem a consciência de são palavras africanas aportuguesadas. Como, “acarajé, angu, axé, berimbau, bumba, cafuné, camundongo, candomblé, canjica, fubá, dendê, jiló, vatapá, moqueca”, entre outras. (MUNANGA,2004, p. 21).

3.3 A religião

Apesar da dominação cultural dos portugueses com os jesuítas no Brasil, não foi possível o mesmo movimento com os africanos, pois não conseguiram impedir o enraizamento das manifestações religiosas africanas, sobretudo as da tribo Iorubas¹¹. Os africanos introduziram no Brasil práticas religiosas como o Candomblé (Bahia), Xangô (Pernambuco e Alagoas), Tambor de Mina (no Maranhão e Pará), Batuque (Rio Grande do Sul) e Macumba (Rio de Janeiro). (PORFÍRIO, s/d).

No início do século XX, as religiões formaram-se em sincretismo com diferentes elementos culturais do catolicismo e das religiões indígenas. O candomblé em contato com o Kardecista trazido da França propiciou o surgimento de outra religião afro-brasileira, a Umbanda que tem como divindade Iemanjá, Ogum e Oxalá, entre outros. (MUNANGA, 2004, p. 141).

Todas essas religiões fazem parte do patrimônio religioso brasileiro. (MUNANGA, 2004). Como essas religiões são bastante diversificadas não trataremos de apresentar minuciosamente todas elas, mas apresentamos um pequeno esboço dessa religiosidade a fim de identificar a presença negra na história cultural do Brasil. Os negros do período colonial sempre conseguiram manter muito de suas práticas religiosas, apesar da proibição por parte dos colonizadores portugueses.

Para Querino (1917, p.21), os africanos eram obrigados por lei a praticarem a religião católica, “habitado naquela e obrigado por esta, ficou com as duas crenças”. Assim, os africanos não tiveram dificuldade em sincretizar os ídolos do culto católico com as divindades do seu feiticismo. Cada ritual religioso tem os seus orixás. Exemplo:

Santo Antônio chamou *Ogun*; a S. Jorge, *Ochóssi*; a Santa Anna, *Anamburucú*; a Santa Barbara, *Iansan*; a S. Jerônimo, *Barú*; a S. Bento, *Humoulú*; a N. S. do Rosário, *Iemanjá*; a N. S. da Conceição, *Ochun*; a S. Francisco, *Rôco*, [...]. *Ossonhe* é um outro ourixá e corresponde ao *Caipora* que só tem uma perna. O africano nutre a mesma crença do indígena, neste particular. (Querino, 1917, p. 22).

¹¹ A civilização ioruba desenvolveu-se a partir do século XI, no sudoeste da atual Nigéria. Constituíam grandes centros de artesanato com oleiro, tecelões, marceneiros, ferreiros etc. Segundo o mito de origem, o povo ioruba é descendente do rei Oduduwa, que desceu dos céus sobre o mar, tendo nas mãos uma cabaça cheia de areia e uma galinha. Despejou então a areia, dando origem à terra do povo ioruba, de quem se tornou o primeiro soberano. (MUNANGA, 2004, p. 49 – 50).

De acordo com Querino (1917), cada ritual tem seu orixá e era a representação simbólica dos santos católicos. Os africanos, fizeram isso para que pudessem prestar cultos às suas crenças. Esse movimento é uma forma que os negros encontraram para resistir à imposição dos colonizadores portugueses. Além disso, os africanos adaptaram-se os rituais indígena o “caipora, veste a feições de um índio, com armas proporcionadas ao seu tamanho habita o tronco das arvores da floresta” (QUERINO, 1917, p. 22).

Os escravos desenvolveram o sistema de cultuar seus orixás (divindades), e nem sempre os cultos ou rituais puderam ser praticados livremente. De acordo com Luhnng (1996), os objetos do culto eram apreendidos, ou levado ao Instituto Geográfico e Histórico, recebendo denominações bastante pejorativas e desrespeitosas, expressões como ‘artesanal de feitiçaria’ (LUHNNG, 1996, apud MIRANDA, 2008, p. 22). Os objetos santificados eram desrespeitados e inferiorizados, criando um estereótipo negativo acerca da religião africana. A associação ao culto católico, foi a estratégia encontrada pela população negra para contrapor aos constantes ataques sofridos em meados do século XIX, e início do século XX. A seguir, imagem retratada por Querino (1917), que mostra os orixás, cada um numerado e nomeada com seus respectivos santos.



ois
Estampa XIII Os orixás

Fig. 05. Os orixás **VASCONCELLOS,2009**. O uso de fotografia de Africanos no estudo Etnografico de Manuel Querino, disponível em: <https://doi.org/1011606/iss.1983-6023.sank.2009.88747> . Acessado em 12 de junho de 2022

Observamos alguns dos orixás: objetos classificados em: 1- Ossilu espada de Oxum (filho de Iemanjá, deusa da água doce simboliza a feminilidade, a fertilidade, a riqueza e o amor); 2- Ochê ou Ichê de Changó (orixá do fogo, símbolo também da justiça); 4- Oxóssi (simboliza a caça, fartura e o sustento);

5- Orixá de Iemanjá. (A gamela que se vê na cabeça chama-se Opon, serve para conduzir os tributos de Santa Barbara ou de Oxum). (QUERINO, 1917, p. 24)

O candomblé é a religião afro-brasileira mais popular do Brasil. Tem influência da Nigéria, Benin, Angola e Congo. O primeiro ritual aconteceu em Salvador na Bahia. No candomblé, o negro prestava homenagem a Oxalá, o santo principal do terreiro (MUNANGA, 2004). No Candomblé de Gantois (Bahia), Manuel Querino descreve o seguinte ritual,

Na primeira sexta-feira do mês de setembro, a mãe do terreiro reúne as filhas de santo e se dirigem à fonte mais próxima, com o fim de captarem, muito cedo a água para a lavagem do santo. Finda esta cerimônia, o santo é recolhido ao Pegii. Logo em seguida sacrificam um cabrito que é cosido juntamente com o inhame, não sendo permitido o azeite de dendê, que é substituído pelo limo da costa. Retirada do fogo a refeição é distribuída pelas pessoas presentes, que depois se retiram. Decorridos três seções, começam as festas. [...] Todos os presentes cantam uníssonos. É a invocação. Sacrificam galinha, pombos, galinha da Angola, etc. [...] Entre as cerimônias sobressai a seguinte: a mãe do terreiro munida de pequeno cipó bate nas costas das pessoas da seita. É a disciplina do rito e tem efeito de perdoar as ações más praticada durante o ano. (QUERINO, 1917, p.27).

De acordo com o apontado por Manuel Querino, no ritual do Candomblé eram entoadas músicas e eles dançavam ao som dos cânticos e batuques e a comida era oferecida aos orixás. Em geral, parte dos cultos não eram abertos ao público. “No culto os batuques (instrumento de percussão) são tocados com pequenas varinhas, canta-se para os orixás, em dialeto africano”. (MUNANGA, 2004, p. 146). Nos rituais do candomblé as oferendas feitas para agradar aos orixás eram comidas típicas como: a galinha d’Angola, azeite de dendê, inhame entre outros. Seus cânticos eram entoados de acordo com suas denominações, por exemplo, os Ketus¹² tem cantos entoados em Iorubá, língua do povo daquela etnia. (PORFÍRIO, S/D, p. 2).

Na figura 6 a imagem de Maria Julia da Conceição Nazaré, a fundadora do candomblé, que aparece como “tyto Egbá” foi identificada como mãe do terreiro do Gantoi. Segundo Vasconcellos (2009, p. 101), “este dado sugere que

¹² Uma das denominações do candomblé. Ver mais em: PORFÍRIO, Francisco: “diferença entre o candomblé e a umbanda”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/religiao/diferencia-entre-candomblé-umbanda.htm>. Acessado em 25/09/2022.

a terminologia de “Typo” para Querino, estava associada ao conceito de raça pura africana”.



Fig. 06. Mãe de terreiro do Gantois. Typo Egbá. VASCONCELLOS,2009. O uso de fotografia de Africanos no estudo Etnografico de Manuel Querino, disponível em: <https://doi.org/1011606/iss.1983-6023.sank.2009.88747> . Acessado em 12 de junho de 2022

Na Figura 7, Querino retratou o santuário do Pegi. É como um santuário, que se denomina o “Santo”, fica instalado no interior da casa. O santo é representado por pedras, búzios e fragmentos de ferros, conforme a invocação, e encerrado tudo isso em uma urna de barro. Esta imagem representada por Querino como a Cascata da Sereia, no Pegi do Gantoi é dedicada a Ochun e está ali representada ao lado esquerdo por uma sereia, assim, como os leques que se vêm de um lado e do outro. (QUERINO, 1917).



Fig. 7. A cascata da sereia.2º Parte—Pegi, santuário, Candomblé do Gantoi, VASCONCELLOS,2009. O uso de fotografia de Africanos no estudo Etnografico de Manuel Querino, disponível em: <https://doi.org/1011606/iss.1983-6023.sank.2009.88747> . Acessado em 12 de junho de 2022

O santuário de Pegi (fig,6), é rodeado de vaso sagrado de diversos tamanho, por exemplo, prato, porcelana, enfeite de pena e de papel. Em um dia da semana, varre-se o santuário, renova-se a comida dos pratos. A esse trabalho é chamam de fazer Ossé. Uma vez no ano o pai ou a mãe do terreiro, é obrigada

a dar uma festa a pessoa iniciada ou feita (termo usado na religião) para festejar o seu santo. (QUERINO,1917).

Dessa maneira, Manuel Raimundo Querino, demonstrou uso e costumes religiosos de matrizes africana no Brasil, no início do século XX, os cultos africanos no país eram silenciados. Querino, além de escrever sobre a religiosidade africana, fez uso de imagens que retratou objetos votivos¹³, autoridades do candomblé e suas festividades. Hoje, a religiosidade afro-brasileira faz parte do patrimônio cultural brasileiro. Conhecer mais sobre essa tradição religiosa de matrizes africana é resgatar o que foi construído ao longo dos anos durante a formação do Brasil. É valorizar a resistência negra no âmbito da cultura e da luta contra a opressão,

3.4 A culinária

No processo da colonização do Brasil, a cozinha brasileira é rica em sabores, história e influências. A culinária brasileira vem sendo cada vez mais difundida por autores adeptos da gastronomia brasileira e assume papel importante na relação social e gastronômica de cada região do país. Diante disso, a culinária brasileira é diversificada pela influencias culturais dos povos indígenas, africanos, portugueses, espanhóis entre outros, esse processo se deu pela colonização, a imigração dos povos que aqui chegaram e dos povos que aqui habitavam. Isso é perceptível no modo de preparo e consumo dos alimentos. Devido a essas influências, a culinária do Brasil é preparada com vários ingredientes locais e outros que foram trazidos de lugares diferentes.

Diante dessa diversidade na culinária do Brasil, Manuel Raimundo Querino ao tempo de sua viagem para outras regiões do país, especificamente para o Rio de Janeiro, quando foi recrutado para a guerra contra o Paraguai, em que ficou atuando na escrita do batalhão, interessou-se pelos costumes alimentares da região. Percebeu o quão era diferente de sua terra natal do qual estava acostumado.

Há dilatados anos, tive que viajar o norte e o sul do Brasil, desde o Piauí ao Rio de Janeiro; e nessa demorada excursão interessaram-me os costumes, os hábitos de cada região, em que o sistema alimentar divergia fundamente do da minha terra, [...]. (QUERINO,1957, p. 21).

¹³ As fotografias da escultura dos orixás, a cascata da sereia – Pegi do Candomblé do Gantois, o altar mor do Pegi, registros da cultura material do candomblé (VASCONCELLOS,2009, p 89).

A partir de então, procurou esboçar um trabalho acerca desse tema. Escreveu o livro *A Arte Culinária na Bahia* (1957), para destacar o diferencial gastronômico da Bahia e afirmou que a cozinha baiana, é a fusão do português, do indígena e do africano. Assim, a contribuição dos indígenas, segundo Querino, está na “pamonha, canjica (feita de milho), o beiju e o mingau preparado da farinha mandioca. (QUERINO,1957, p.21). Ele acrescenta ainda que, os índios fabricavam um tipo de farinha de peixe (seco e esfarelado) e farinha de milho feita de milho seco e pilado, misturada com água e cozido em banho Maria como ainda é feito nos sertões.

A contribuição dos africanos na culinária brasileira se fez maior devido ao acesso das cozinhas portuguesas. Pois,

O português abastado destinava, de preferência, os escravos, que adquiria, aos trabalhos agrícolas; mas o comerciante, o capitalista, mandava-lhes ensinar as artes mecânicas, reservando sempre um africano ou africana para o serviço culinário, e daí as modificações modernas no arranjo das refeições à moda do Reino, com a carne, peixe, mariscos, aves e animais domésticos. (QUERINO, 1957.p.23).

De acordo com Querino (1957, p. 24), os portugueses sempre destinavam aos africanos ou às africanas a responsabilidade do preparo das refeições, estes por sua vez modificavam os ingredientes e outras iguarias. Assim, “As iguarias em que o português fazia o uso de azeite de oliva, o africano adicionava o azeite de dendê ou de cheiro”. De acordo com Querino (1957), a Bahia era dotada da superioridade, a excelência, a primazia da arte culinária do país, “pois que o elemento africano, com a sua condimentação requintada de exóticos adubos alterou profundamente as iguarias portuguesas, resultando daí todo um produto nacional.” (QUERINO, 1957, p. 23).

Foi o africano quem introduziu na culinária do Brasil o azeite de dendê, o camarão seco, a pimenta malagueta, o leite de coco e outros elementos que compõem a cozinha brasileira. Em sua obra, Querino (1957) descreveu de forma minuciosa sobre o preparo do alimento na Bahia. Nosso pensador descreveu o preparo de alguns alimentos, pois cada região tinha uma maneira diferentes de fazê-los. A exemplo, um dos principais elementos que o africano fazia abundantemente e ainda o fazem com a mesma perfeição é o acarajé,

A principal substância empregada é o feijão fradinho, depositado em água fria até que facilite a retirada do envoltório exterior, sendo o fruto ralado na pedra. Isto posto, revolve-se a massa com uma colher de madeira, e, quando a massa toma a forma de pasta, adicionam-se, como temperos, a cebola e o sal ralados. Depois de bem aquecida uma frigideira de barro, aí se derrama certa quantidade de azeite de cheiro, (azeite de dendê), e, com a colher de madeira vão-se deitando pequenos nacos da massa, e com um ponteiro ou garfo são rolados na frigideira até cozer a massa. O azeite é renovado todas as vezes que é absorvido pela massa, a qual toma exteriormente a cor do azeite. Ao acarajé acompanha um molho, preparado com pimenta malagueta seca, cebola e camarões, moído tudo isso na pedra e frígido em azeite de cheiro, em outro vaso de barro. (QUERINO,1957, p. 30-31).

De acordo com a colocação do autor podemos dizer que no preparo dos alimentos é possível observar a transmissão dos costumes e da cultura de um povo, e além da seleção dos ingredientes, a culinária nos possibilitou a interação entre os povos. Além da culinária brasileira adquirir valores étnicos também agregou valores religiosos, pois a culinária e a religião estão interligados pela sua apropriação. (QUERINO,1917).

Os cultos afros têm fortes ligações com a culinária. Querino, expos no seu livro “Raça africana e seus costumes na Bahia (1917) a maneira em que os cultos africanos estavam ligados entre o mundo natural, o espiritual e os alimentos. Para os adeptos do candomblé o preparo do alimento ia muito mais além do simples ato de cozinhar em um ambiente doméstico. O preparo tem regras, etapas estabelecidas, crenças e valores que são passados de geração para geração.

Em “Dar comida a cabeça” (1917), Querino narra a cerimônia religiosa:

Na ocasião, aprazada estende-se no chão uma esteira que é forrada com roupas brancas. A pessoa que vai dar comida a cabeça, veste-se de branco trazendo nos ombros uma toalha ou lenço. De pés descalços, senta-se na esteira, tento as costas voltada para a rua. Em seguida sobre uma mesa, coloca-se uma quantia de água, um copo e um prato de oubis (pequena fruta da África indispensável nos negócios feiticistas). Aproxima-se o executor da cerimônia homem ou mulher, humedece os dedos da mão direita na água, bate três vezes a mão esquerda fechada e diz: Ouri-apêrê, isto é, “a cabeça da iniciante ajude a todos” e descansa a mão direita na cabeça da iniciante, o que equivale a invocar o anjo da guarda. Depois o oficiante eleva o prato de oubis na altura da fronte, no gesto de oferenda, profere algumas palavras no sentido de ser satisfeito o pedido. [...] Os assistentes molham o dedo na água da quartinha e passam na cabeça, concluída a matanças das aves (galinha da angola e pombos),

catam as penas mais finas humedece no sague do sacrifício e colocam na frente da iniciante, parte-se novamente um oubis, afim de verificar a aceitação do sacrifício, e diante do resultado positivo preparam-se a comidas, [...] a que se juntam açaçás, angu de inhame com azeite de dendê, acarajés e efó. Das bebidas alcoólicas, só o vinho é permitido. (Querino, 1917, p. 32-33).

Querino, (1957) identificou que a maneira de preparar o alimento e o ato de comer significa construir vínculos entre seus deuses, antepassados e a natureza. A comida se faz presente atribuindo a ligação com a entidade, ao comer o iniciante vai de encontro com o seu santo protetor. Percebemos que tudo começa na cozinha e nada pode se comparar a energia que vem das oferendas aos orixás. Os terreiros são lugares atribuídos à fé, às festas e à comida.

Dessa forma, Manuel Raimundo Querino (1957), nos apresenta a culinária brasileira diversificada pela contribuição africana e antes de tudo, um dos mais importantes aspectos da cultura, de uma civilização. A contribuição dos povos negros teve grande importância a formação da culinária brasileira. Essa contribuição tem o poder de (re)viver, preservar e reforçar o que foi deixado pelos africanos para a população brasileira. A culinária brasileira deve seu destaque aos africanos pela rica contribuição de ingredientes e modo de preparo dos alimentos locais e vindo de outros lugares.

3.5 A música e dança

Manuel Raimundo Querino, descreveu que o explorador português Serpa Pinto contou sobre a festa canavalesca que viu na África:

No dia 20 de junho de manhã, veio um enviado do sova dizer-me que por ser entao a epoca em que se festejavam uma especie de carnaval, o sova para me fazer honra viria ao meu campo mascarado e dançaria diante de mim. Pelas oito horas chegaram os batuques, e juntou-se grande concurso de povo. Meia hora depois, aparceu o sova com a cabeça metida em uma cabaça pintada de branco e preto, e o enorme corpo augmentado por uma armação de vara de liconde, igualmente pintado de branco e preto. Um saiu de clinas e caldas de animais completavam o traje. (QUERINO, 1917, p. 52).

Observamos no trecho acima descreve uma festividade africana que aparentou ser o carnaval. Veja a semelhança com que Querino descreveu no que acontecia no Brasil:

Na cidade de Lagos, no mês de janeiro, há uma diversão pomposa, em que se exibem indivíduos mascarados, diversão que designam pelo vocabulo-Damurixá-festa da rainha. Nesta apenas tomam partes os indivíduos filiados ao club que se encarrega da festa, não sendo facultativo a quem quisesse mascarar-se. (QUERINO 1917, p. 52).

Na narrativa de Querino podemos identificar a reprodução da cultura realizada na África que os africanos trouxeram. A Nação brasileira mostra os fortes traços deste berço africano. No ano de 1897 foi realizado no Brasil o carnaval africano, com exibição do Club Pandegos d'África, com reprodução exata de como foi observado em Lagos por Serpa Pinto. A festividade foi assim organizada:

Na frente iam dois príncipes bem trajados; após estes a guarda de honra, uniformizada em estilo mouro. Seguiu-se o carro conduzindo o rei, ladeados por duas raparigas virgens e duas estatuetas alegóricas. Logo depois via-se o adivinhador à frente da charanga, composta de todos os instrumentos usados pelos feiticeiros; sendo que os tocadores uniformizados à moda indígena usavam grande avental sobre o calção curto. O acompanhamento era enorme, as africanas principalmente, tomadas de verdadeiros entusiasmos, cantavam, dançavam e tocavam durante todo o trajeto, numa alegria indescritível. (QUERINO, 1917, p. 53).

Como identificamos acima Querino relatou um desfile de carnaval, como se observa na produção do carnaval no Brasil nos dias atuais. Assim, o carnaval foi uma fusão das referências culturais dos povos africanos com os portugueses. Além disso, relatou a presença de instrumentos musicais que foram base para a formação dos ritmos musicais brasileiros. São eles: Chéré, é uma vasilha de cobre, espécie de chocalho. Quando sacodido as filhas de santo ficam alvoraçadas; Batás, tabaques de madeira, que o africano trazia a tira colorida batendo com uma mão esquerda no círculo menor, e com a direita segurava uma espécie de maceta com que batiam no círculo maior do instrumento; Ilû, tabaquete grande. o tocador batia com a mão esquerda de modo que produzia um som abafado, e com a direita feria o som forte servindo-se da baqueta, e por último,

temos o Afofiê, pequena flauta de taquara com bocal de madeira. (QUERINO,1917).

Segundo Querino(1917,p. 55), “Depois da insurreiçao de 1835, foram proibido o uso publico desses instrumento de desordem”. Pois quando os africanos ouviam o toques desses instrumentos ficavam animados. Como vimos, os africanos e seus descendentes se reuniam para dançar, jogar e reverenciar seus orixás com músicas. Querino, registrou notas musicais de cânticos que eram entoados nos festejos anuais em saudações aos santos.

lá irê, yá ú laxé,
Irê tá a ui, eberi coman
oubá êquê d'orixá, uubá tôtô.

(Nosso louvores, nem todos conhecem.
E por isso, não sabem o que pedimos a Deus.
Viva o rei; acima do rei só Deus).

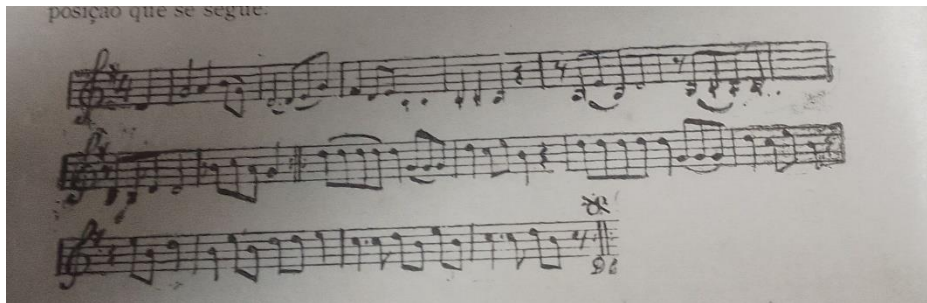


Fig.8. Notas musicais de cânticos entoado nos festejos. VASCONCELLOS,2009. O uso de fotografia de Africanos no estudo Etnografico de Manuel Querino, disponível em: <https://doi.org/1011606/iss.1983-6023.sank.2009.88747> . Acessado em 12 de junho de 2022

Dessa forma, Querino diferenciou-se ao falar da cultura africana no Brasil,alem de escrever sobre os costumes registrou a musicalidade, as notas musicais, a religiosidade, os objetos votivos, imagens de homens e mulheres representandosuas tribos e seus ofícios.

À GUIA DE (IN)CONCLUSÕES

A partir do olhar de Querino foi possível compreender a construção de um cenário de discriminação e exclusão social construído no Brasil, principalmente, nas décadas iniciais do século XX. Querino buscou identificar as contribuições do negro para a civilização brasileira. Seus escritos possibilitaram provocar reflexões sobre a mão-de-obra negra, e intentou romper com barreiras sociais e política impostas ao negro na sociedade brasileira. Querino preocupou-se em esclarecer seu ideal político-social, renovou e propôs uma nova escrita para a história do Brasil.

Por isso, a análise feita a partir do discurso construído de Manuel R. Querino nos mostra que a história do negro no Brasil foi de protagonismo e que o trabalho colono preto foi a mola propulsora do desenvolvimento do Brasil no período da colonização. No entanto, o negro foi entendido como um entrave da tão desejada civilidade. Foi com o trabalho do colono preto que tivemos as instituições científica, letras, artes, comércio, indústria e etc.

Dessa maneira este trabalho se faz significativa acerca da importância do negro na composição da identidade nacional, no lugar de destaque social. Manuel Querino construiu narrativas acerca da contribuição do negro no processo de construção do país. Mostrou através do trabalho de escrita a formação cultural protagonizada pelo negro no enraizamento de costumes africanos no Brasil.

Ao final desse trabalho esperamos propor uma reflexão sobre a questão do negro, para compreendermos melhor a relação étnica\racial, pois a população brasileira tem muito da dimensão cultural, quanto racial. Isso é perceptível na linguagem, tradições, culinária, religião, também visível na cor da pele, cabelo, entre outros aspectos. Ambas (étnica e raça) devem ser pensada juntas, em conjunto quando falamos na complexidade do ser negro no Brasil.

Assim, esse trabalho analisou a passagem do século XIX para XX e como o negro era compreendido naquele momento. As obras de Manuel Raimundo Querino ressaltaram o protagonismo do negro no processo de constituição da Nação brasileira. Deste modo, o intelectual construiu uma história do Brasil a partir da atuação do trabalhador negro. Logo, nosso autor identifica uma desafrikanização em que o Brasil busca uma identidade eurocêntrica, voltada à

modernização que chegava ao Brasil republicano, impulsionando assim, de acordo com o autor a perda de suas tradições. Querino apresenta o negro a partir de uma perspectiva positiva, ativa e relevante para o processo da formação do Brasil. Manuel Raimundo Querino (re)afirma seu discurso que tratando-se da riqueza econômica, que foi estrutura para nacionalidade, ainda é o colono preto a principal figura para o desenvolvimento.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS CESAR Mangolin de. **O movimento Negro ao longo do Século XX: Notas Históricas e alguns desafios atuais.** –2003. Disponível em: www.geocities.com/unegrosp/esclusao.html. Acessado em 20 de julho de 2017.

BOULOS, Júnior Alfredo. **História e Sociedade:** 9º ano: ensino fundamental: anos finais/ Alfredo Boulos Júnior. —4. ed.--- São Paulo: FTD,2018.

BULCÃO NETO, Manuel Soares. **A eloquência do ódio: reflexões sobre o racismo e outras alofobias.** São Paulo: Livro pronto, 2009, 132-150 pp.

CAMPOS, Raimundo. **História do Brasil.** São Paulo: editora atual 1991

CASTRO, Yeda Pessoa. **A influência das línguas africanas no português brasileiro.** In: Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura da Cidade de Salvador. (Org.). Secretaria Municipal de Educação, 2005. Disponível em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>. Acessado em 13 de agosto. 2022.

CALMON, Jorge. **Manuel Querino, o jornalista e o político.** Ensaios/Pesquisas, n.3. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Centro de Estudos AfroOrientais, mai. 1980.

DUARTE, de Assis, **Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção** Disponível em: Literafro www.letras.ufmg.br. Acessado em 20 de janeiro de 2017.

FREIRE, Gilberto, 1900-1987. **Casa Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal/** Gilberto Freire: apresentação de Fernando Henrique Cardoso. -51º edi. rev. – São Paulo: global,2006.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. **A história da arte de Manuel Querino.** In 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. “Entre Territórios” – 201 25/09/2010 – Cachoeira- Bahia Brasil.

GLEDHILL, Sabrina. **Afro-Brazilian Studies before 1930: Nineteenth-Century Racial Attitudes and the Work of Five Scholars.** Dissertação (Mestrado em Estudos Latino-Americanos) – Universidade da Califórnia em Los Angeles, Los Angeles, 1986.

_____. Sabrina. **Manuel Querino: Um Pioneiro no Combato ao ‘Racismo Científico’**. 2008. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/138237986/Manuel-Querino-um-pioneiro-no-combate-do-racismo-cientifico>. Acessado em 23 de fevereiro de 2017.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Manuel Querino e a formação do “pensamento negro” no Brasil, entre 1890 e 1920**. Comunicação apresentada no 28º Encontro Nacional da ANPOCS, em Caxambu, outubro de 2004.

HOLANDA, Sergio Buarque de, 1902-1982. **Raízes do Brasil** / Sergio Buarque de Holanda. –26. ed.—São Paulo: Companhia das letras, 1995.

IANNI, Octávio. **Research on Race Relations in Brazil**. In: MÖRNER, Magnus (Ed.). *Race and Class in Latin America*. Nova Iorque/Londres: Columbia University Press, 1970.

JUNIOR, Henrique Cunha. **Afrodescendência e Africanidade: Um dentre os diversos enfoques possíveis sobre populações negras no Brasil**. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br> Acessado em 15 de novembro de 2018.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. **Manuel Querino entre letras e lutas**. Bahia: 1851-1923. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. Andrade. **Manuel Querino: narrativa e identidade de um intelectual afro-baiano no pós-abolição**. Projeto História (Online), v. 57, p. 139-170, 2016.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. **Manuel Querino: narrativa e identidade de um intelectual afro-baiano no pós-abolição**. Projeto História, São Paulo, n. 57, pp. 139-170, set. Dez. 2016.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. **Educação e trabalho; raça e classe no pensamento de um intelectual negro: Manuel Querino—Bahia (1870-1920)**. Revista brasileira de História da educação (v.20.2020)

LEAL, Maria das Graças de Andrade. **A dimensão do trabalho na vida e obra de Manuel Querino. – Bahia: 1851-1923**. Associação Nacional de História-AMPUH/ XXIV Simpósio nacional de História- 2007.

LEAL, Maria da Graças. **Manuel Querino: entre letras e lutas. Bahia 1851-1923**. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

LUHNING, Ângela. **Acabe com esse santo Pedrito vem aí: mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiana entre 1920 a 1942**. Revista USP, São Paulo, n.28, dez/fev.1995/1996.

LUCA, Tania Regina de. **Indústria e Trabalho na história do Brasil** / Tania Regina de Luca. –São Paulo: contexto, 2001. – (Repensando a história do Brasil).

MIRANDA, Mesquita, Eloyna Augusta. **As Religiões De Matriz Africana e o Racismo Religioso no Brasil: os velhos e os novos agentes da perseguição ao Candomblé na Bahia**. 2018.80fls. Trabalho de conclusão de Curso de Graduação—Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Ação educativa, 2004.

NUNES, Eliane. **Manuel Raimundo Querino: o primeiro historiador da arte baiana**. Disponível em: http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/eliane_nunes. Acessado no dia 20 de fevereiro de 2017.

NUNES, V. M. e RIBEIRO, I.c. **A prática do preconceito racial na sociedade e na realidade escolar**. Paraná: versão online 15BN978-85-8015-093-3 v.1,2026.

PEREIRA, F. B. **Pós abolição: liberdade e cidadania**. Cachoeira-Ba, Laboratório de História. Centro de Cultura, Artes e Humanidades. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2015.

QUERINO Manuel Raimundo. **A Raça Africana e os seus Costumes na Bahia**. - Memória apresentada ao 5º Congresso Brasileiro de Geografia- Bahia. Imprensa oficial do Estado, Rua da misericórdia, nº1, 1917.

_____. **Seus artigos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia** / Organizadores Jaime Nascimento e Hugo Gama. - Salvador: **Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**,2009.

_____. **O colono preto como fator da civilização brasileira.** / **Manuel Querino.** - Salvador: P55 Edições, 2013. 50p._ (coleção Autoconhecimento Brasil).

_____. **A arte culinária na Bahia.** Livraria Progresso 1957. Praça da Sé.26 – SALVADOR –BAHIA --- BRASIL.

REIS, Carlos Antônio dos. **Do convívio e colaboração das raças: elogio da mestiçagem e reabilitação do negro em Manuel Querino** / Carlos Antônio dos Reis. França: UNESP,2009. Dissertação- Mestrado- História- Faculdade de História, Direito e serviços Social- UNESP.

SCHWARCZ, L. Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil (1870-1930).** São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

SOUZA, Alexandre Ricardo Santos de. **A extinção dos brasileiros segundo o Conde Gobineau.** Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.21-34, jan./ jun. 2013.

Super Interessante. **12 religiões afro que se espalharam pelas Américas.** Disponível em:<<https://super.abril.com.br/historia/12-religioes-afro-que-se-espalharam-pelas-americas/>>. Acesso em 25 de agosto 2022.

VASCONCELLOS, C. S. **O uso de fotografia de Africanos no Estudo Etnográfico de Manuel Querino.** Sankofa (São Paulo), [S.l], v.2, n 4, p. 88-111,2009. DOI: 10.11606/issn.1983-6023.sank.2009.88747. Disponível em: <http://www.revista.usp.br/sankofa/article/view/88747>. Acessado em 12 de junho 2022.

VISENTINE, Paulo Fagundes. **História da África e dos africanos** / Paulo Fagundes Visentina, Luiz Dario Teixeira Ribeiro, Analúcia Danilevicz P. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VIANA, Antônio. “**Manoel Querino**” (Conferência). In: *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, nº 54, 1928, p. 305-316.

VON MARTIUS, Carl Friedrich Philip. **Como se deve escrever a História do Brasil**: Disponível em: WWW.seminariodehistoria.pdf.ufop.br. Acessado em 13 de março de 2017.